

## **Q. IVLIVS MAXIMVS NEPOS, UM ORATOR EM OLISIPO\***

LUÍS DA SILVA FERNANDES

### **1. O epitáfio de um orator**

Há 130 anos, Emílio Hübnner, universitário alemão ao serviço da Academia de Berlim, começou na Catalunha a mais longa peregrinação epigráfica jamais efectuada na Península Ibérica<sup>1</sup>. Os resultados do seu estudo, digno de um Hércules (cf. LE ROUX, 1984: 23), completados por duas missões de estudo em 1881 e em 1886<sup>2</sup>, deram origem à publicação do volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (= CIL II), em 1869, ao qual se seguiram o *Supplementum* (CIL II S) e alguns *Additamenta*, publicados na *Ephemeris Epigraphica* (cf. LE ROUX, 1984: 19-20). Tratava-se do maior repositório de inscrições romanas peninsulares, inserido num programa de estudos da Academia de Berlim, abrangendo a epigrafia de todo o mundo romano. A Epigrafia acabava de nascer como ciência<sup>3</sup>.

Após mais de um século de utilização, aqueles que se dedicam às lides epigráficas conhecem já os erros, omissões e fraquezas do CIL II. Um homem só, apesar da colaboração de estudiosos locais, com os

---

\* Tivemos ocasião de apresentar uma versão preliminar do presente estudo no *II Colóquio Sobre História de Leiria e da sua Região* (Leiria, 29 e 30 de Novembro de 1991), intitulada *Quinto Júlio Máximo Nepos: um professor na época romana (notas sobre uma inscrição erroneamente atribuída a Collippo)*. Queremos deixar expresso o nosso agradecimento ao Prof. Doutor José d' Encarnação pelas sugestões gentilmente prestadas.

<sup>1</sup> Consulte-se sobretudo LE ROUX, 1984: 17-31, esp. 19-21, onde o autor analisa esta "peregrinação epigráfica", tecendo comentários sobre a metodologia seguida.

<sup>2</sup> LE ROUX, 1984: 21, diz: *En 1881 et en 1886, Hübnner prépare par deux longues missions épigraphiques le Supplementum* (veja-se também LE ROUX, 1984: 28, nota 38).

<sup>3</sup> Vide LE ROUX, 1984: 19, 21 e ss., a propósito do projecto internacional da Academia de Berlim: *Le contexte humain et matériel donne sa juste dimension à toute entreprise scientifique: ici il s'agissait ni plus ni moins que de la naissance d'une science de l'épigraphie*.

problemas logísticos inerentes a uma tal investigação no século XIX, efectuada em 20 meses, não podia deixar de cometer erros ou inexactidões, não obstante a sua notável erudição (vide LE ROUX, 1984: 23, por exemplo). Assim, a necessidade de uma revisão de CIL II impôs-se naturalmente, estando hoje em curso, quer em Espanha, quer em Portugal (vide ENCARNAÇÃO, 1996: 183); entretanto, há que encarar os dados do CIL II numa perspectiva crítica e não como verdades adquiridas. A inscrição analisada neste texto é um exemplo, entre outros, do cuidado a ter na consulta do CIL II.

Em 1869, apresentavam-se em CIL II cerca de 20 inscrições da área de Leiria (vide CIL II: 36-38). Uma delas (CIL II 354) chamou-nos a atenção por mencionar um *orator*, ocorrência pouco comum na epigrafia romana, e sem outros testemunhos conhecidos a nível peninsular<sup>4</sup>.

## 2. A proveniência do monumento

Passemos então à análise da citada inscrição, dada como proveniente da área de S. Sebastião do Freixo (a antiga *Collippo*) por Emílio Hübner (ver fig.1). Quase todos os autores que referiram esta inscrição, após a sua análise e inclusão no CIL II, colocam-na, por aproximação geográfica, em *Collippo*<sup>5</sup>. Esta simples lápide funerária seria, assim, um precioso documento para o conhecimento do grau de aculturação dos antigos habitantes de *Collippo*.

Na p. 38 de CIL II, referente à área de *Collipo* (S. Sebastião do Freixo), Hübner publica a inscrição nº 354 como proveniente da *Ameixoeira, reperta a. 1720 «na azinhaga chamada de Santa Susana. Que vay para o lugar da Torre, ...»*, salientando: *Olisipone male ponit Acuña*. Refere-se a José António da Cunha, português que enviou, por volta de 1755, um manuscrito em castelhano

---

<sup>4</sup> Cf. CASSANI, 1952: 50-70, esp. 69-70; SAN EUSTAQUIO e ORTIZ DE ZARATE, 1975: 121-134; ORTIZ DE ZARATE e SAN EUSTAQUIO, 1976: 69-70; STANLEY, 1991: 309 e 311, nota 71.

<sup>5</sup> Em 1966, publica-se em Berlim o fascículo 3 (parte 4) da *Prosopographia Imperii Romani (Saec. I. II. III.)*, onde se indica o monumento em estudo como inscrição coliponense (PETERSEN, 1966: 239, nº 428). O mesmo fazem José Vives (ILER: 526, nº 5741), Cassani (1952: 69-70), Ortiz de Zarate e San Eustaquio (1976: 73, nº 11), San Eustaquio e Ortiz de Zarate (1975: 126, nº 10), Stanley (1991: 309), assim como J. d'Encarnação (IRCP: 456-458, a propósito da inscrição CIL II 112, de Évora), Étienne (1982: 526) e Caballos Rufino (1990: 168, nº 91). Saliente-se que todos os autores referidos têm o CIL II como fonte comum para esta inscrição.

à Academia da História de Madrid, assinando o apelido *Acuña* (CUNHA, 1755; cf. SILVA, 1944: 285 e CIL II: 4).

No entanto, Vieira da Silva, na *Epigrafia de Olisipo* (1944: 231-233) refere aquela inscrição como sendo de Lisboa, baseando-se na *Gazeta de Lisboa Ocidental: Em Fevereiro de 1720, numa quinta então pertencente ao Morgado de António Sanches de Noronha, sita ao sul do lugar da Ameixoeira, na Azinhaga de S.ta Susana, que vai dêste lugar para o da Torre do Lumiar*. Vieira da Silva cita também Pedro A. de Azevedo que, ao publicar a inscrição, reproduzindo a notícia da mesma *Gazeta* (AZEVEDO, 1898: 278), tinha já corrigido a localização dada por Hübner; em nota de rodapé (p. 278, nota 2), salientou: *Acuña tinha razão*. Instalada a dúvida sobre a verdadeira proveniência da inscrição, havia que recorrer à consulta e comparação dos manuscritos e obras impressas utilizadas por Hübner<sup>6</sup>, confrontando-as, na medida do possível, com outras referências bibliográficas indicadas por Vieira da Silva.

A primeira notícia que refere esta inscrição surgiu em 22 de Fevereiro de 1720, na *Gazeta de Lisboa Occidental* (1720: 64; vide fig. 2), na qual se diz:

*Em huma terra contigua a azinhaga, que vay do lugar da Ameixoeira para o da torre do Lumear, termo desta Cidade, pertencente ao morgado de António Sanches de Noronha, se descobrio huma pedra do tempo dos Romanos [...].*

Todos os autores que citam esta notícia nos séculos XVIII<sup>7</sup> e XIX<sup>8</sup> referem a mesma localização. Não há dúvida que a Ameixoeira

---

<sup>6</sup> Para além de *Acuña* (que não foi possível consultar), Hübner baseou-se no P<sup>c</sup> Luiz Cardoso (CARDOSO, 1747), em D. José Cornide y Saavedra (1798/1801) e em Alexander Wittich, autor do séc. XIX, que não pudemos consultar (A. Wittich in Zimmermann, *Antiq. Stud. Annalibus*, 7, 1840: 721 ss., *apud* CIL II: 24); de qualquer modo, segundo Hübner (CIL II: 24), este autor segue quase literalmente as observações de J. Cornide y Saavedra (fig. 3a).

<sup>7</sup> Vide CARDOSO, 1747: 448: *Na azinhaga chamada de Santa Suzana, que vay deste Lugar da Amexoeira para o da Torre, em terra que pertence à quinta de António Sanches de Noronha [...]* (cf. também CARDOSO, 1747: 442-443); CUNHA, 1755: 3, 19 (*apud* CIL II: 38); CORNIDE Y SAAVEDRA, 1798/1801, s.v. Amexoeira (vide fig. 3b): *Amexoeira. Lugar de la Provincia de Estremadura termino de Lisboa, una legua al N. junto de Odivellas [...]* en otro olivar del Mayorargo, que administra António Sanchez Noronha [...].

<sup>8</sup> PIR: 333; LEAL, 1873: 195-196; AZEVEDO, 1898: 278. PIR baseia-se em CARDOSO, 1747, e na *Gazeta de Lisboa Occidental*; Pinho Leal cita, de modo algo

de que se fala fazia parte do termo de Lisboa, na 1ª metade do século XVIII. A notícia da *Gazeta* refere explicitamente que a inscrição foi encontrada num terreno próximo do caminho *que vay do lugar de Ameixoeira para o da torre do Lumear, termo desta Cidade* [de Lisboa]. Ora, Luiz Cardoso (1747: 448), ao citar a referida notícia, altera um pouco o seu sentido original: *que vay deste Lugar da Amexoeira para o da Torre*; e é esta localização que Hübner reproduz, a qual, fora do contexto das notícias descritivas da Ameixoeira de Lisboa, pode originar momentaneamente, confusão (existe efectivamente um lugar da Ameixoeira, relativamente perto do lugar da Torre, próximo de *Collippo*, cf. *Carta Militar Portuguesa*, 1: 25 000, folha 308). Ora, ao referir a localização de várias povoações em relação à Ameixoeira em questão, Cardoso (1747: 442) refere *o Lugar de Odivellas, o Paço do Lumear, a povoação da Torre do Lumear e o Lugar da Charneca*, todas formando um triângulo que envolvia o lugar da Ameixoeira, no termo da Lisboa do séc. XVIII (como se pode ver na reconstituição dos limites do termo de Lisboa em 1742, efectuada por Vieira da Silva — vide fig.4).

Assim o lapso cometido por Hübner, que só teve conhecimento indirecto da inscrição, deve-se talvez a uma distração ou troca de fichas no momento da redacção do CIL II, pois nos mapas anexos a esse volume, Hübner colocou correctamente o topónimo Ameixoeira no termo de Lisboa<sup>9</sup>.

### 3. A autenticidade da epígrafe

Solucionado o problema da proveniência da inscrição, há que ter em conta outras questões. Nenhum dos autores se refere ao local de depósito deste monumento epigráfico. Talvez se tenha perdido após o terramoto de 1755. De qualquer modo, segundo informação oral do Professor Doutor José D'Encarnação, não foi possível localizar tal inscrição nos depósitos do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, do Museu da Cidade e do Museu do Carmo.

---

confuso, CARDOSO, 1747; AZEVEDO, 1898, reproduz, como já dissemos, a notícia da *Gazeta*, citando também CIL II: 38.

<sup>9</sup> Cf. fig. 5: CIL II, *Hispaniae Pars Occidentalis (Tab. II)*, 1: 666, 666, *Vicinia Olisiponis*; como se pode ver na fig. 6, Hübner não situa nenhuma Ameixoeira na área de *Collippo*: CIL II, *Hispaniae Pars Occidentalis (Tab. I)*, 1: 666,666.

Assim, tendo em conta a importância do epítáfio, a possibilidade de se tratar de um texto forjado deve ser considerada, já que não possuímos a pedra para verificar a autenticidade da inscrição.

Aqueles que se dedicam ao estudo das inscrições romanas, sabem que surgem, por vezes, textos epigráficos forjados nas épocas Moderna e Contemporânea. Os Humanistas preocuparam-se em ligar a história pátria, principalmente no âmbito local, às raízes romanas; perante a consciência da importância da Epigrafia como fonte histórica, forjaram frequentemente textos epigráficos que conferiam a determinadas regiões ou localidades uma certa preponderância, durante o período romano (cf. ENCARNAÇÃO, 1997<sup>3</sup>: 24 e 59-60); neste contexto, é de salientar a actuação do humanista André de Resende, ao qual se devem algumas interessantes "invenções" (vide ENCARNAÇÃO, 1991: 177-205). No caso das inscrições falsas que chegaram aos nossos dias, a detecção é relativamente fácil, sobretudo através de critérios paleográficos e da análise da pontuação (ENCARNAÇÃO, 1971/1975: 57-62; FABRE, 1980: 139-152).

No caso de inscrições perdidas, das quais só temos conhecimento através de fontes manuscritas ou impressas, torna-se mais difícil verificar a sua autenticidade. Uma das possibilidades é proceder a uma cuidada análise interna do texto, procurando detectar contradições ou fugas à fraseologia típica (cf. ENCARNAÇÃO, 1997<sup>3</sup>: 24). Mas haverá sempre que ter em conta, como refere José d'Encarnação (1997<sup>3</sup>: 24), que *não se faz uma falsificação sem um objectivo*; no entanto, à pergunta «porquê?» devemos associar uma outra: «quem?». Assim, perante o problema da autenticidade, começamos por tentar saber quem foi António Sanches de Noronha, dono da propriedade onde foi encontrada a inscrição. Segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (vol. XVII: 885), António Sanches de Noronha foi um poeta do séc. XVIII (cujas datas de nascimento e falecimento se desconhecem), alcunhado «Poeta de Odivelas», filho de António de Noronha Freire (escrivão da Ordem de Malta) e de D. Maria de Noronha. Estudou latim e humanidades e em 1696 foi aluno do notável professor de Filosofia, Padre Sebastião Ribeiro (curiosamente, membro da Ordem do Oratório tal como o Padre Luiz Cardoso, anteriormente citado). A. S. de Noronha parece, pois, possuir o grau de erudição favorável a um «falsificador de inscrições»... Mas uma análise, mesmo que superficial, da sua obra afasta essa possibilidade; com efeito, a sua bibliografia é constituída exclusivamente por composições poéticas (publicadas entre 1718 e

1755), grande parte das quais dedicadas à memória de figuras ilustres ou monarcas do seu tempo.

Quanto à utilização da inscrição para uma valorização de índole regionalista, ela não está patente nem na primeira notícia (*Gazeta de Lisboa Occidental*), nem no artigo mais detalhado sobre a Ameixoeira (CARDOSO, 1747) ou na restante bibliografia consultada (com excepção de LEAL, 1873: 196, que diz, após referir a inscrição: *É pois certo que esta povoação é antiquissima, e provavelmente ja existia no tempo do romanos*; note-se, no entanto, que este autor escreve em finais do séc. XIX, baseando-se directamente em Luiz Cardoso). Além disso, a antiguidade (e importância) da zona é salientada pelo recurso à presença dos Templários, após 1098, e as tradições respeitantes à origem da capela que deu origem à igreja matriz, reedificada em 1664 (vide LEAL, 1873: 195-196, por exemplo); por outro lado, Luiz Cardoso e Pinho Leal referem a existência de *muitas tulhas mouriscas* e a descoberta, em 1719, de *huma grande concavidade subterranea chea de ossos humanos* na *Varzea de Santa Suzana* (cf. CARDOSO, 1747: 442 e LEAL, 1873: 196), ou seja, na mesma área onde foi descoberta a inscrição (que estava enterrada, situação não muito conveniente para uma "falsificação").

Parece-nos, pois, que estamos perante a notícia de uma inscrição romana autêntica. até porque, como a análise interna do texto nas páginas seguintes irá demonstrar, não há desvio do formulário habitual de epígrafes romanas, ou sequer contradições internas.

#### **4. Análise do epitáfio**

Torna-se assim premente tentar reconstituir o texto perdido, na medida em que algumas letras desapareceram da pedra com o passar dos séculos, provocando dificuldades de leitura na altura da sua descoberta, principalmente na linha 3. Tal dificuldade foi acentuada pelo facto de, quer o acesso ao texto original, quer a sua transmissão terem sido feitos por curiosos e não por estudiosos da Epigrafia<sup>10</sup>, ciência que dava os primeiros passos no estabelecimento de regras de reconstituição de textos epigráficos (LE ROUX, 1984: 21 e ss.).

A versão transmitida por Hübner (CIL II 354) e aceite pelos autores posteriores é a seguinte:

---

<sup>10</sup> A este propósito consulte-se MAYER, 1984: 35-37.

D(is) • M(anibus) / Q(uinto) • IVLIO • MAXIMO / GA[L(eria tribu)] • NEPOTIAN[O] / ORATORI  $\bar{\text{S}}$  Q(uintus) • IVLIVS • MAXIMVS / [PA]TER • FILIO • PISSIMO / F(aciendum) • C(uravit)

O texto traduz-se do seguinte modo: *Consagrado aos deuses Manes. A Quinto Júlio Máximo Nepociano, da tribo Galéria, professor de oratória. Quinto Júlio Máximo, o pai, mandou fazer ao filho modelo de piedade.*

A linha 1 contém a habitual consagração aos deuses Manes. As linhas 2 e 3 da inscrição mencionam a identificação do defunto, constituída por quatro elementos onomásticos — *Q(uintus) Iulius Maximus Nepotianus* — e a menção da tribo — *Gal(eria tribu)*. Esta indicação da tribo, juntamente com o sistema dos *tria nomina* (neste caso completado por *Nepotianus* como *agnomen*), exprime na época imperial a plena condição de cidadão romano (cf. MANTAS, 1982: 21, por exemplo). O defunto seria assim um cidadão do município olisiponense, na medida em que os cidadãos de *Olisipo* (a antiga Lisboa) foram enquadrados na tribo Galéria (cf. MANTAS, 1982: 21). No entanto, quase todos os autores anteriores a Hübner (alguns dos quais terão visto directamente o monumento<sup>11</sup>) insistem em ler na l. 3 três palavras — a indicação abreviada tribo Galéria, o dativo *Nepoti* e uma palavra incompleta constituída por três letras lidas com segurança (A, F, R) e separadas claramente de *Nepoti* por um ponto<sup>12</sup>. Julgo que na linha 3 teremos a seguir à menção da tribo, o

<sup>11</sup> Luiz Cardoso (1747: 448), depois de transcrever a leitura da *Gazeta*, apresenta uma segunda versão da mesma, com leitura diferente nas linhas 3 e 7, dizendo que *se escreverão estas por parecer que são as que contém a dita pedra, à custa da curiosidade, e paciência, com que se examinão semelhantes inscripçoens, com letras tão gastadas do tempo, que muitas tem quasi perdido a forma, e outras mal se percebem*. Terá ele visto directamente a pedra? Note-se que é o único autor que defende a leitura *GAINEROTIANN* para a linha 3. Podemos suspeitar que também Cunha (1755) e Cornide y Saavedra (1798/1801) a terão visto, pois apresentam na linha 3, respectivamente, a leitura *GAI NEPOTI. AFRE* e *GAI NEPOT. AFRA* (vide fig. 3b), enquanto a primeira notícia (1720) apenas apresentava: *CAI NEPOTI. AFR...*

<sup>12</sup> *Gazeta* (1720): *CAI NEPOTI . AFR...*; Cunha (1755): *GAI NEPOTI . AFRE* (segundo CIL II: 38); Cornide y Saavedra (1798/1801): *GAI NEPOT. AFRA*; *PIR* (1859, 479): *CAI: NEPOTI. AFR*. Apenas Luís Cardoso sugere a leitura *ANN* no final da linha, tendo sido seguido por Hübner, que preferiu a leitura *ANo*, reconstituindo a palavra *Nepociano*. A pedra apresentaria algum desgaste, que conduziu certamente às hesitações na leitura de algumas letras por parte dos autores. Assim, se aceitássemos a leitura de Cardoso, seria mais lícito admitir que no final da linha estaria a abreviatura

dativo latino de *Nepos*<sup>13</sup>, e não *Nepotianus*, provavelmente seguido do dativo de *Afer* (AFR[I]). *Afer*, -a está documentado quer como *cognomen*, quer como indicativo de origem africana<sup>14</sup>; refira-se que, nos arredores de Beja foi encontrada uma inscrição onde Gaio Blóssio Saturnino, da tribo Galéria, se identifica como *Neapolitanus Afer Areniensis incola Balsensis*, ou seja, Napolitano de África, Areniense, habitante de Balsa<sup>15</sup>. Assim, é possível que a identificação correcta do defunto seja a seguinte: *Quintus Iulius Maximus Nepos, afer*. Estaríamos assim perante um cidadão romano, de origem africana, que foi integrado na tribo Galéria por alteração do domicílio<sup>16</sup>.

Na linha 4, o termo *orator* qualifica a ocupação do defunto. Mas que tipo de ocupação? Originariamente, *orator* significa, literalmente, orador, aquele que tem facilidade em discursar e por isso é encarregue da defesa de causas públicas ou privadas<sup>17</sup>.

Com a aceitação e difusão dos modelos gregos de educação em Roma, *orator* passa a designar também *aqueles que ensinam a arte da retórica* ou oratória, embora se utilize mais frequentemente o

respeitante à menção da idade do defunto (ANN = *annorum*), habitual nos epitáfios latinos, tendo-se perdido a idade (tal como se perdeu o início da palavra *pater*, na linha 6).

<sup>13</sup> Não se trata do substantivo masculino *nepos, nepotis* (neto ou sobrinho), mas sim do *cognomen* latino *Nepos*, documentado em várias zonas da Península Ibérica (cf. ABASCAL PALAZÓN, 1994: 437).

<sup>14</sup> *Afer*, -a surge como *cognomen* em diversas inscrições da Península Ibérica, nomeadamente em *Olisipo* (cf. ABASCAL PALAZÓN, 1994: 260-261; GUICHARD e LEFEBVRE, 1992: 169-173); no caso vertente, trata-se do adjectivo *afer, afra, afrum* = africano (vide CIL II 105, 1180; FE 44, 196), pois foram já identificados todos os elementos onomásticos do *orator* memorado na inscrição: *Q. Iulius Maximus Nepos*.

<sup>15</sup> IRCP 294: [...] / [...] / *ann(orum)* . XXXII / *G(aius)* . *Blossius* . *Satu/rminus* . *Galeria (tribu)* / *neapolitanus* . *afe/r* . *areniensis inco/la* . *balsensis* . *fili/ae* . *pientissimae* . / *h(ic)* . *s(ita)* . *e(st)* . *s(it)* *t(ibi)* . *t(erra)* . *l(evis)* .

Gaio Blóssio Saturnino é um cidadão romano, originário da *Colonia Iulia Neapolis*, situada na África Proconsular, habitante da cidade de *Balsa* (próximo de Tavira), que foi adscrito à tribo Galéria, quando passou a residir em *Pax Iulia* (Beja), onde faleceu.

<sup>16</sup> Cf. FORNI, 1966: 139-155.

<sup>17</sup> FORCELLINI, 1940: 510-515, que refere também a equivalência *orator* / professor; um terceiro significado do termo *orator* seria *embaixador*, mas não tem aqui qualquer cabimento, na medida em que, quando se faz referência a um embaixador, nomeadamente nas inscrições, emprega-se a palavra *legatus*, especificando as suas atribuições.

termo *rhetor* para designar estes professores de retórica (FORCELLINI, 1940: 511; MARROU, 1981: 63-64 e 87; ILS 2951, 7773, 7774, 7775). Aliás, como este segundo termo é mais específico, surge com maior frequência nas inscrições indicando professores. No caso presente preferimos a equivalência *orator* / professor pela ausência de outros cargos ou honras atribuídas ao personagem documentado, bem como pela simplicidade do termo utilizado. Uma análise, não exaustiva, de inscrições documentando *oradores*, revela que o uso epigráfico deste termo, quando aplicado a oradores forenses, inclui epítetos de foro jurídico<sup>18</sup>.

O ensino romano divide-se em três graus sucessivos, segundo o modelo grego, aos quais correspondem, normalmente, três tipos de escolas, confiadas a diferentes mestres especializados: aos 7 anos a criança frequenta o ensino primário, concluindo-a aos 11 ou 12 anos, quando passa para a escola do *grammaticus*; sensivelmente a partir dos 15 anos ingressa no nível superior de estudos, até cerca dos 20 anos, aprendendo a arte da retórica<sup>19</sup>. A inscrição em análise documenta, portanto, um professor do ensino superior<sup>20</sup>. Na hierarquia, social e profissional, o professor de retórica ocupa um lugar privilegiado em relação aos seus colegas dos graus anteriores; por exemplo, Quintiliano, um dos mais populares mestres de eloquência em Roma (honrado pelo Imperador com as insígnias consulares), ganhava quatro vezes mais que um gramático (MARROU, 1981: 87; CASSANI, 1952: 68). É facto conhecido que, na urbe romana, a

---

<sup>18</sup> Cf. ILS, que apresenta 12 inscrições registando *oradores* (n.ºs 1129, 2929, 2934, 2939, 2940, 2941, 2942, 2946, 4152, 7206, 7746, 7747). A inscrição ILS 2934, de Roma, documenta um (...) *iuridico per Picenum et Apuliam, quaestori designato, (...) et (...) oratori maximo*; ILS 4152, datada de 376 d. C., menciona um *tribunalis orator*, tal como ILS 7746 (*causarum orator honestus*) e 7747 (*oravi causas*). Note-se ainda um epitáfio de *Carthago Nova* (ABASCAL PALAZÓN e RAMALLO ASENSIO, 1997, n.º 161), datado do século I d. C., que memora *M. Oppius M. f.*, recordando que dominava a *forensis ars*.

<sup>19</sup> Cf. MARROU, 1981: 63-96, esp. 63-64. Vide BONNER, 1977, para uma análise mais pormenorizada das condições e programas do ensino. Consulte-se também VEYNE, 1989: 32-37.

<sup>20</sup> Sobre o ensino superior na época romana vide síntese de MARROU, 1981: 87-96.

eloquência era vista como uma necessidade para o homem culto e, especialmente, para ascender aos mais altos cargos públicos<sup>21</sup>.

Alguns autores consideram que o ensino da retórica estaria bastante desenvolvido na Península Ibérica, tomando como exemplo o facto de o citado Quintiliano, entre outros, ser de origem hispânica<sup>22</sup>. F. Stanley (1991: 301-304) tem opinião contrária, salientando que existem poucos testemunhos peninsulares do ensino da retórica e que vários literatos hispânicos (entre os quais, Quintiliano) completaram a sua educação em Roma. De qualquer modo, a epigrafia peninsular é parca em referências a tais mestres<sup>23</sup>, daí a importância da inscrição CIL II 354.

Note-se o elevado grau de desenvolvimento do ensino superior e da retórica em África, bem como a presença de professores de retórica africanos em diversas províncias do Império (cf. ZERBINI, 1994: 155 e ss.). Tal facto, aliado à existência de relações comerciais e de movimentos migratórios entre as províncias africanas e a Hispânia (vide MANTAS, 1982: 20-21), apoia a *origo* africana, tanto mais que a epigrafia de *Olisipo* e seu território regista gente com origem africana<sup>24</sup>.

Na linha 5 encontramos a identificação do dedicante do epitáfio, através dos *tria nomina* — *Quintus Iulius Maximus* —, cujo parentesco relativamente ao *orator* é indicado na linha 6 (*pater*), bem como o adjectivo que qualifica o defunto (*filio piissimo*). Finalmente, na linha 7, uma das mais habituais fórmulas finais, em sigla

<sup>21</sup> Cf. CASSANI 1952: 68. Como nos diz Marrou (1981: 32), em Roma, como nas democracias gregas, o homem político devia saber conquistar o favor da multidão, o voto de uma assembleia, reanimar a coragem de um exército, persuadir um tribunal.

<sup>22</sup> Cf. CASSANI 1952: 68-69. Sobre a vida e obra de Quintiliano (originário de *Calagurris*, a Calahorra espanhola), vide BOWDER, 1990: 244 e JÚNIOR, 1997: 93-102. Note-se igualmente as observações de Stanley (1991: 301-304) relativamente aos retores de origem hispânica conhecidos por via literária, bem como a referência a um outro *rhetor* de *Calagurris* (vide GÓMEZ-PANTOJA, 1987: 79-84); vide também MAYER e RODÀ, 1982: 109-112, esp. 111, nota 8.

<sup>23</sup> Cf. CASSANI 1952: 69-70; SAN EUSTAQUIO e ORTIZ DE ZARATE, 1975: 126-127; ORTIZ DE ZARATE e SAN EUSTAQUIO, 1976: 69-78; STANLEY, 1991: 309 e 311, nota 71. Segundo estes autores, os únicos professores do ensino superior registados epigraficamente na Península Ibérica são o *orator* da inscrição em estudo (CIL II 354 = ILER 5741) e um *rhetor* grego de Cádiz (CIL II 1732 = ILER 5748: *Troilus / retor / graecus*).

<sup>24</sup> Cf. MANTAS, 1982: 17-21; RIBEIRO, 1982-1983: 157 e 227-233; RIBEIRO, 1994: 85; ENCARNACÃO, 1994: 48; FERNANDES, 1998: 77-80.

(*faciendum curavit*). Trata-se pois de um formulário usual nos epitáfios latinos do mundo romano.

Aceitando a correcção proposta para a linha 3, poder-se-ia reconstituir o texto da inscrição do seguinte modo:

D(is) • M(anibus) • / Q(uinto) • IVLIO • MAXIMO / GAL(eria  
tribu) • NEPOTI • AFR[I] / ORATORI  $\bar{\text{S}}$  Q(uintus) • IVLIVS •  
MAXIMVS / [PA]TER • FILIO • PISSIMO / F(aciendum) •  
C(uravit).

A estrutura onomástica, a indicação da tribo e a utilização do adjectivo superlativo *piissimus* sugerem uma datação em torno de meados do século II d. C.

## 5. Tipologia do monumento

A primeira notícia sobre a inscrição em estudo apresentou uma descrição detalhada do monumento, descrição essa confirmada por Cornide y Saavedra (1798/1801; cf. figs. 2 e 3) e retomada por Vieira da Silva (1944: 232):

*He de quatro faces todas lavradas de escoda, e cada huma de quatro palmos e meyo de largura, e oyto e meyo de comprimento. Tem no alto huma abertura em quadro de hum palmo de profundo, e dentro della outra mais profunda em figura redonda de altura de dous dedos, com seu releyxo, onde parece estava encayxado algum busto, ou urna.*

A descrição parece apontar para um pedestal funerário monumental (monumento em forma de paralelepípedo, com as medidas aproximadas de 120x67x67 cm.), sobre o qual poderia estar colocado um busto, por exemplo. Tipologicamente seria, pois, um documento bastante interessante, tanto mais que, na Quinta da Macheia, freguesia de Matações, concelho de Torres Vedras («Zona NW» do Município Olisiponense), foi encontrado em 1959 um *pedestal funerário monumental, de calcário lioz, (...) monumento imponente, austero, em forma de paralelepípedo*, que suportaria uma estátua ou busto (cf. MANTAS: 1982: 42, nº 7 e foto 8; RIBEIRO, 1982-1983: 354); curiosamente, as medidas gerais desse pedestal são muito próximas das do monumento da Ameixoeira - 124x59x57 cm. No texto dessa inscrição, diz-se expressamente que a dedicante da memória funerária

repousou também na sepultura, assinalada pelo seu retrato<sup>25</sup>. Visto que a sua *imago* não chegou aos nossos dias, não podemos saber exactamente qual o tipo de retrato referido, *tanto mais que as pedras funerárias com representações esculpturadas, de estilo clássico, parecem ter sido raras na Lusitânia* (MANTAS, 1982: 48). Assim, a alusão à *imago*, por si só, permite a inferência de que as pessoas documentadas no monumento de Torres Vedras pertenceriam a um estrato social privilegiado (vide MANTAS, 1982: 48); pensamos que tal inferência se pode estender aos indivíduos da inscrição da Ameixoeira.

## 6. O contexto social

Diversos autores sugeriram o parentesco do *orator* com os *Quinti Iulii* senatoriais, documentados no território eborense, atendendo a um certo paralelismo onomástico<sup>26</sup>; foi mesmo proposta a identificação do *orator* com *Q. Iulius Nepotianus*, um dos filhos do senador *Q. Iulius Maximus* ou, em alternativa, a possibilidade de serem irmãos (vide PETERSEN, 1966: 237-240, n.º 424, 428, 439; CABALLOS RUFINO, 1990: 162, 167-169; IRCP: 457). Como salientou J. d'Encarnação, em 1984 (IRCP: 763), a identificação do *orator* olisiponense como o *Nepotianus* eborense seria pouco provável devido a dois factores: o epitáfio de Évora não refere a função de *orator*; a menção da tribo, presente na inscrição olisiponense e ausente na inscrição eborense, situa os dois textos em épocas diferentes. A correcção da identificação do *orator* proposta neste texto (*Nepos* e não *Nepotianus*) reforça, aliás, tal argumentação. Quanto ao parentesco com os *Iulii* eborenses, é hipótese possível<sup>27</sup>, embora os textos não permitam comprová-lo, tanto

---

<sup>25</sup> MANTAS, 1982, n.º 7: *Licinia. P(ublii). f(ilia). Max/uma. M(arcus). Antisti/us. M(arci). f(ilius). Gal(eria tribu). Facund/us. h(ic). s(iti). s(unt)/<sup>5</sup> Cornelia. T(iti). f(ilia). Boutia / quius. posita. est / in prima. parte. ima/go. viva. se. f(aciendum). c(uravit).*

<sup>26</sup> Uma placa funerária de N.S. da Tourega, Évora (IRCP 382), datada de inícios do século III d.C., regista três *Quinti Iulii*: *Q. Iul(ius) Maximus, c(larissimus) v(ir), quaestor prov(inciae) Siciliae, trib(unus) pleb(is), leg(atus) prov(inciae) Narbonens(is) Galliae (proconsulis), prae(ori) desig(natus)*, de 48 anos; *Q. Iulius Clarus, c(larissimus) i(uvenis)*, e *Q. Iulius Nepotianus, c(larissimus) i(uvenis)*, ambos *quattuorviri viarum curandarum*, de 21 e 20 anos, respectivamente, filhos de *Q. Iul. Maximus*.

<sup>27</sup> Vide ÉTIENNE, 1982: 526 e 528, que pensa que o *orator* é avô do eborense *Q. Iulius Nepotianus*.

mais que o *orator* de *Olisipo*, bem como o seu pai, não referem qualquer título relacionado com a ordem senatorial.

Uma outra hipótese, eventualmente mais plausível, face à abundância de *Quinti Iulii* no *ager* olisiponense (ABASCAL PALAZON, 1994: 151-163), seria a inclusão do *orator* na dinâmica burguesia municipal de *Olisipo*, no seio da qual vários ramos dos *Iulii* ocuparam os principais cargos (RIBEIRO, 1982-1983: 362-363 e 449-451; FERNANDES, 1996: 20-22)<sup>28</sup>. Saliente-se, aliás, a importância da retórica e da cultura na competição entre notáveis municipais, facto documentado na epigrafia peninsular (cf. ILER 1706, por exemplo; vide LE ROUX, 1995: 101-102).

## 7. Conclusão

As grandes mutações da paisagem, urbana e rural, verificadas em Portugal tiveram como consequência a destruição ou dispersão de bastantes vestígios epigráficos<sup>29</sup>. O registo destes preciosos testemunhos perdidos da nossa memória histórica deve ser levado a cabo, recorrendo-se cada vez mais a uma paciente e sistemática pesquisa, quer das fontes manuscritas, quer das fontes impressas, mormente as do séculos XVIII e XIX, como tem sido salientado por crescente número de epigrafistas nacionais e estrangeiros<sup>30</sup>.

Por outro lado, quer essas fontes, quer o CIL II devem ser utilizados com cautela, como comprova o caso do epitáfio do *orator* de *Olisipo*, cuja origem tem sido erroneamente atribuída *Collippo*. O texto analisado propicia mais um importante elemento para o conhecimento das relações entre *Olisipo* e as províncias africanas, sendo relevante para o estudo do nível cultural deste importante porto da Lusitânia.

---

<sup>28</sup> Entre esses *Iulii* mais notáveis regista-se *Q. Iulius Q. f. Gal. Plotus, aedilis* de *Olisipo*.

<sup>29</sup> Ver, entre outros, MANTAS, 1985: 127.

<sup>30</sup> Cf. MANTAS, 1985: 129; SUSINI, 1982: 42.

Fig. 1: Texto de CIL II n° 354, p. 38.

354 Ameixoeira, reperta a. 1720 'na azinhaga chamada de Santa Suzanna, que vay para o lugar da Torre, em hum olival do Morgado, que administra Antonio Sanches de Noronha, tem 4½ palmos de largura e 8½ de comprimento' Card. Olisipone male ponit Acuña.

D · M

Q · IVLIO · MAXIMO

GAI · NEPOTIAN ·

ORATORI

5 Q · IVLIVS · MAXIMVS

PA · TER · FILIO · PI · SSIMO

F · C

Acuña 3, 19; Cardoso *dicc.* 1, 443 (I) et 448 (II) bis exhibet, loco priore litteris minusculis, altero quadratis, eandem esse non perspicuus (e Cardoso et schedis Cornidis Wittich p. 730).

2 G · IVLIO Card. I. 3 GAI Card. II, CAI Acuña, Card. I; NEPOTI · AFRE Acuña, NEPOTI · AFR Card. I, NEROTIANN Card. II. Cf. *Q. Iulius Nepotianus c(larissimus) i(uvenis)*, *Q. Iulii Maximi c(larissimi) v(iri) filius tituli Eborensis* supra relati n. 112. 5 G · IVLIVS Card. I. 7 D · C Acuña, Card. I, I · C Card. II.

Fig. 2: Notícia inserta na *Gazeta de Lisboa Occidental*, nº 8, 1720, p. 57.

Em huma terra contigua a azinhaga, que vay do lugar da Ameicoeira para o da torre do Lumear, termo desta Cidade, pertencente ao morgado de Antonio Saiches de Noronha, se descobrio huma pedra do tempo dos Romanos, que estava metida quatro palmos & meyo debayxo da terra. He de quatro faces todas lavradas de cecida, & cada huma de quatro palmos & meyo de largura, & oytto & meyo de comprimento. Tem no alto huma abertura em quadro de hum palmo de profundo, & dentro della outra mais profunda em figura redonda de altura de dous dedos, com seu relevo, o qual parece estava encayxado algum busto, ou urna; & tem em huma das faces esta interipção:

D. M.  
 Q: JULIO MAXIMO  
 CAI NEPOTI. AFR...:  
 ORATORI  
 Q: JULIUS MAXIMUS  
 TER FILIO PISSIMO  
 D. C.

---

Fig. 3a: Frontispício da obra de Cornide y Saavedra (1798/1801).

Inscripcões sc 18, 6, 28  
Lapidares

de



Várias Cidades, Villas, e Lugares

de

Reino de Portugal

Colligidas

por

Dom José Cornide

Fig. 3b: Texto de Cornide y Saavedra, s.v. Amexoeira.

## Amexoeira.

Lugar de la Provincia de Extremadura termino de Lisboa, una legua al N. junto de Odivellas. Hay la tradicion de que en su campo hubo en tiempo de los Romanos una gran batalla, y se fundan en que en el año de 1719 se descubrió una caverna llena de huesos humanos en un olivar de Andres de Silva, Fidalgo de la Casa de S. M., y en el año de 1720, en otro olivar del Mayorazgo que administra Antonio Sanchez Noronha, se halló a 4  $\frac{1}{2}$  palmos de baxo de tierra una piedra de quatro faces bien lavrada de 8  $\frac{1}{2}$  palmos de largo y 1  $\frac{1}{2}$  de ancho, con una abertura quadrada en to alto de hum palmo de profundidad, y dentro otra mas honda de dos dedos de profundidad, y de figura redonda, que indicaba haber servido para encajar alguna estatua, pues tenia la inscripcion de la vuelta:

Fig. 3c: Texto da inscrição do *orator*, segundo Cornide y Saavedra.

D. M.  
Q. IVLIO MAXIMO  
GAI NEPOT. AFRA  
ORATORI  
G. IVLIVS MAXIMVS  
TER FILIO PISSIMO  
D. C.  
*Cardozo. v. Ameixoeira.*

Fig. 4: Reconstituição dos limites do Termo de Lisboa em 1742, segundo A. Vieira da Silva (in PARRA *et alii*, 1984).

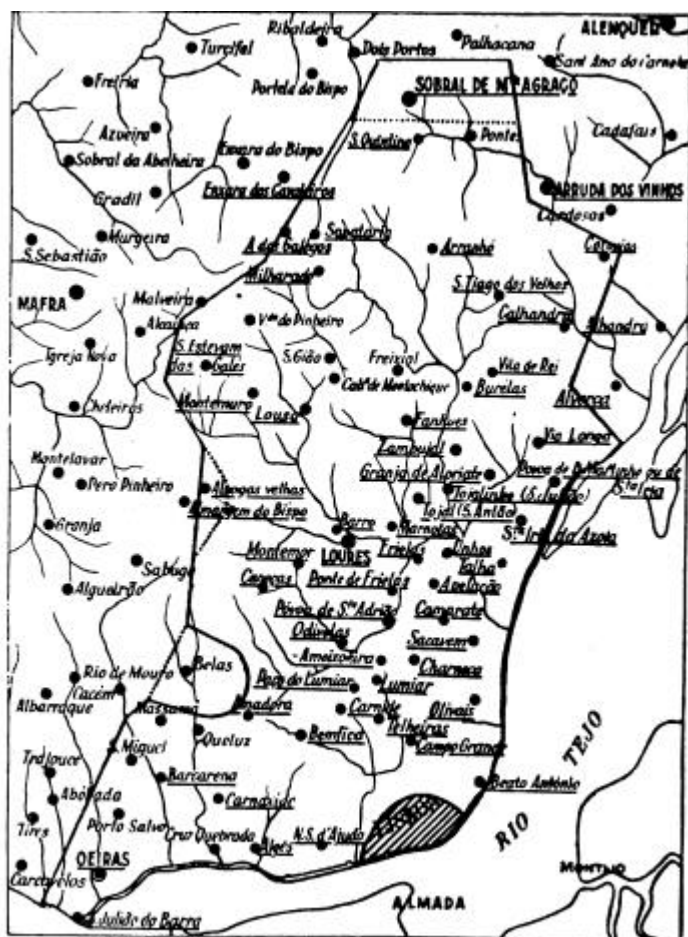
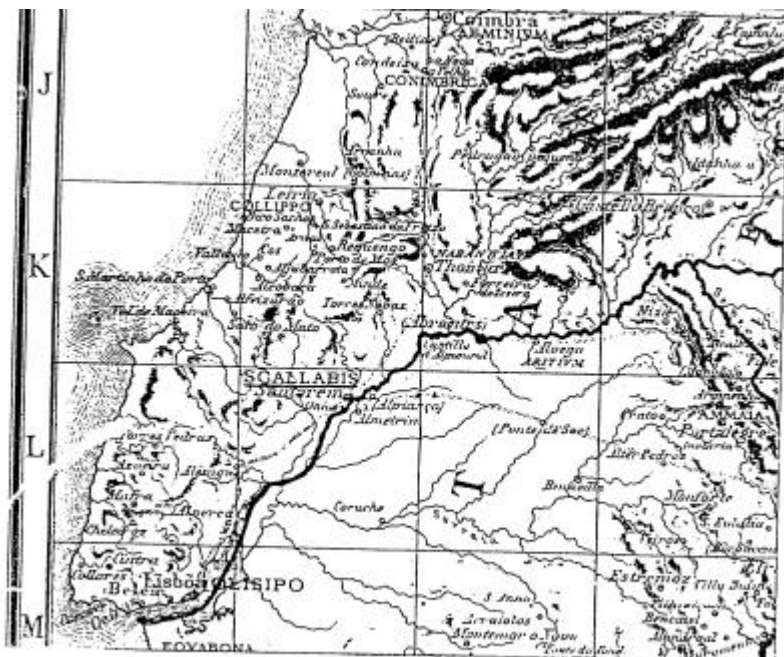




Fig. 6: A área de *Collippo* em mapa extra-texto de CIL II (*Hispaniae Pars Occidentalis*, Tab. I).



## Bibliografia

Siglas utilizadas:

AE = *L' Année Épigraphique*, Paris (indica-se o ano e o número da inscrição).

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum* (indica-se o volume e o número da inscrição).

CIL II — ver Hübner, 1869 (indica-se o número da inscrição, salvo indicação em contrário — CIL II: 12).

CIL II S — ver Hübner, 1892 (indica-se o número da inscrição, salvo indicação em contrário — CIL II S: 12).

EE = *Ephemeris Epigraphica*, Berlim (indica-se o volume e o número da inscrição).

FE = *Ficheiro Epigráfico*, suplemento de *Conimbriga*, Coimbra (indica-se o volume, o ano e o número da inscrição).

HEp = *Hispania Epigraphica*, Madrid (indica-se o volume e o número da inscrição).

ILER — ver Vives, 1971 e 1972 (indica-se o número da inscrição).

ILS — ver Dessau, 1964 (indica-se o número da inscrição).

IRCP — ver Encarnação, 1984 (indica-se o número da inscrição, salvo indicação em contrário — IRCP: 12).

PIR ? — ver Jordão, 1859 (indica-se o número da inscrição, salvo indicação em contrário ? PIR: 333).

ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994): *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Universidad de Murcia - Universidad Complutense de Madrid, Murcia.

ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel; RAMALLO ASENSIO, Sebastián F. (1997): *La Ciudad de Carthago Nova: La Documentación Epigráfica*, Universidad de Murcia.

AZEVEDO, A. (1898): «Inscrição romana na Ameixoeira», in «Noticias antigas sobre archeologia», *O Archeologo Português*, vol. IV, 277-280.

BONNER, Stanley F. (1977): *Education in Ancient Rome. From the elder Cato to the younger Pliny*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles.

BOWDER, Diana (1990): *Dizionario dei Personaggi dell'Antica Roma*, Roma.

CABALLOS RUFINO, Antonio (1990): *Los Senadores Hispanorromanos y la Romanización de Hispania (Siglos I al III p.C.)*, Tomo I: *Prosopografía*, Ecija.

CASSANI, Jorge Luis (1952): «Aportes al estudio del proceso de la romanización de España. Las instituciones educativas», *Cuadernos de Historia de España*, XVIII, 50-70.

CARDOSO, P<sup>o</sup> Luiz (1747): *Diccionario Geographico ou Noticia Historica de todas as Cidades, Vilas, Lugares, e Aldeas, Rios, Ribeira e Serra dos Reynos de Portugal e Algarve*, Tomo I, Lisboa.

CORNIDE Y SAAVEDRA, D. José (1798/1801): *Inscripcoens Lapidares de Varias Cidades Villas e Lugares do Reino de Portugal Colligidas por D. José Cornide*, códice n<sup>o</sup> 476 do Fundo Geral de Manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa, sem data nem assinatura, com os fólhos inumerados (cota do microfilme: F. 2843).

CUNHA, José António da (1755): *Lithologia Lusitana, ó memorias de las inscripciones y de otros monumentos, los cuales dan noticia de muchas*

- antigüedades que acaecieron antes de las conquistas del mismo reyno sobre los árabes* (ms. C. 166, assinado com o apelido *Acuña*).
- CURCHIN, Leonard A. (1990): *The Local Magistrates of Roman Spain*, Toronto - Buffalo - London.
- DESSAU, H. (1964): *Inscriptiones Latinae Selectae*, Dublin/Zurique.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1971/1975): «Autenticidade em Epigrafia - As inscrições de Cuba e Vila Nova de Baronia», *Arquivo de Beja*, XXVIII - XXXII, 57-62.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1984): *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1986): «Inscrições romanas do *Conventus Pacensis* - Aditamento», *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1, 99-109.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1991): «Da invenção de inscrições pelo humanista André de Resende», *Biblos*, 67, 177-205.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1993): «Ara dedicada a Júpiter em *Bracara Augusta*», *Ficheiro Epigráfico*, 44, nº 196.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1994): *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1996): «Nova edição do *Corpus Inscriptionum Latinarum*», *Al-Madan*, 5, Outubro, 183.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1997<sup>3</sup>): *Introdução ao estudo da epigrafia latina*, Cadernos de Arqueologia e Arte 1, Coimbra.
- ÉTIENNE, Robert (1982): «Sénateurs originaires de la province de Lusitanie», *Epigrafia e Ordine Senatorio* - II, *Tituli*, 5, 521-529.
- FABRE, Georges (1980): «A propos de trois faux du musée d'Igualada», *Faventia*, 2/1, 139-152.
- FERNANDES, Luís da Silva (1996): *A Presença da Mulher na Epigrafia Romana do Conventus Scallabitanus* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras do Porto), Porto, policopiada.
- FERNANDES, Luís da Silva (1998): «Inscrições Romanas do Termo de Loures», *Vida e Morte. Os Romanos em Loures*, Museu Municipal de Loures/Câmara Municipal de Loures, 75-89.
- FORCELLINI, A. (1940): *Lexicon Totius Latinitatis*, vol. III, Pádua.
- FORNI, Giovanni (1966): «*Doppia tribu* di cittadini e cambiamenti di tribù romane. Probabile connessione con l'esercizio dei diritti politici in municipi e colonie», *Tetraonyma*, 139-155.
- GÓMEZ-PANTOJA, J. (1987): «Another rhetor from *Calagurris*», *Faventia*, 9/2, 79-84.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XVIII, Lisboa/Rio de Janeiro.
- GUICHARD, Pascal; LEFEBVRE, Sabine (1992): «Un nouveau *vicus* en Hispanie d'après une inscription inédite d'Estrémadure», *Mélanges de la Casa de Velázquez*, tome XXVIII (1), 165-179.
- HÜBNER, Emil (1869): *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II: *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlim.
- HÜBNER, Emil (1892): *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II: *Inscriptiones Hispaniae Latinae — Supplementum*, Berlim.
- HÜBNER, Emil (1899): «*Additamenta nova ad Corporis volumen II*», *Ephemeris Epigraphica*, VIII.

- HÜBNER, Emil (1903): «*Additamenta nova ad Corporis volumen II*», *Ephemeris Epigraphica*, IX (edidit H. Dessau).
- JORDÃO, Levy Maria (1859): *Portugalliae Inscriptiones Romanas*, Lisboa.
- JÚNIOR, Manuel Alexandre (1997): «Quintiliano uma voz hispânica», *Occidua Plaga. Actas do Colóquio Internacional Sobre o Ensino do Latim* (12-13 de Dezembro de 1996), in *Classica*, nº 22, 93-102.
- KAJANTO, I. (1982): *The Latin Cognomina*, Roma.
- LE ROUX, Patrick (1984): «E. Hübner ou le métier d'épigraphiste», in *Épigraphie Hispanique. Problèmes de Méthode et d'Édition (Table ronde tenue à l'Université de Bordeaux III, les 8, 9, 10 décembre 1981)*, Paris.
- LE ROUX, Patrick (1995): *Romains d'Espagne. Cités et Politique dans les Provinces. Ille s. av. J.-C.-IIIe s. ap. J.-C.*, Paris.
- LEAL, Pinho (1873): *Portugal Antigo e Moderno. Dicionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Lisboa.
- MANTAS, Vasco Gil (1982): «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga*, 21, 5-99.
- MANTAS, Vasco Gil (1985): «Três inscrições romanas do concelho de Torres Vedras», *Conimbriga*, 24, 125-149.
- MAYER, Marc (1984): «Epigrafía hispánica y transmisión literaria con especial atención a la manuscrita», in *Épigraphie Hispanique. Problèmes de Méthode et d'Édition (Table ronde tenue à l'Université de Bordeaux III, les 8, 9, 10 décembre 1981)*, Paris, 35-37.
- MAYER, Marc; RODA, Isabel (1982): «Tres novas inscrições de la Provincia de Sevilla», *Faventia*, 4/1, 109-116.
- MARROU, H. - I. (1981): *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, vol. 2: *Le monde romain*, Paris.
- ORTIZ DE ZARATE, Santos Crespo; SAN EUSTAQUIO, Luis Sagredo (1976): «Las profesiones en la sociedad de Hispania Romana» *Hispania Antiqua*, vol. VI, 53-78.
- PARRA, Joaquim *et alii* (1984): «As actas das sessões de estudos olissiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses – III», *Lisboa. Revista Municipal*, ano XLV, 2º s. nº 8/9/10, 41-65.
- PETERSEN, Leiva (1966): *Prosopographia Imperii Romani (Saec. I. II. III.)*, pars IV, fasc. 3, Berlin.
- RIBEIRO, José Cardim (1982-1983): «Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Caudicus*», *Sintria*, I - II (tomo 1), 151-476.
- RIBEIRO, José Cardim (1994): «*Felicitas Iulia Olisipo*. Algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea», *Al-Madan*, IIª série, nº 3, Julho, 75-95.
- SAN EUSTAQUIO, Luis Sagredo; ORTIZ DE ZARATE, Santos Crespo (1975): «La enseñanza en la Hispania Romana», *Hispania Antiqua*, vol. V, 121-134.
- SILVA, Vieira da (1944): *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa.
- SUSINI, Giancarlo (1982): *Epigrafia Romana*, Roma.
- VEYNE, Paul (1989): «O Império Romano», in *História da Vida Privada*, volume 1 - *Do Império Romano ao ano mil*, Porto, 19-223.
- VIVES, José (1971 e 1972): *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona.

ZERBINI, Livio (1994): «Tecnica ed artigianato nell' epigrafia africana: grammatici, retori, *magistri*», *L' Africa Romana*, 11, Ozeri, 155-162.